



**Nathália do Vale** é graduada em Relações Internacionais pela UERJ. Atualmente faz mestrado em Políticas Econômicas do Desenvolvimento na Université Paris I Panthéon-Sorbonne.

EMAIL

---

nathalialimavale@gmail.com

### 1) Por que você escolheu cursar Relações Internacionais? E por que escolheu a UERJ?

Sendo bem sincera, eu escolhi Relações Internacionais super por acaso, aos 45 do segundo tempo. Durante muitos anos na época de escola queria fazer História, ser professora de História porque admirava o professor que eu tinha no colégio. Porém, lembro que quando já estava no Ensino Médio conheci o curso de Relações Internacionais e achei superinteressante a perspectiva de estudar coisas com as quais eu tinha afinidade, o mundo das Humanidades, de maneira mais interdisciplinar. Além disso, também percebi que o campo de atuação após a graduação era mais abrangente, o que pra mim foi um fator determinante para a escolha final. Por fim, meu pai é português e muito da sua história migratória motivou também meu interesse pela questão internacional desde muito nova.

Ainda assim, foi só depois de ter conseguido um bom resultado na primeira fase do vestibular da UERJ (obtive conceito A logo no primeiro exame!) que me senti capaz de passar no vestibular pro curso de RI, que na UERJ era o terceiro mais concorrido na minha época. Foi ali que eu comecei a vislumbrar a possibilidade de estudar RI como algo tangível e caí dentro dos estudos pra fase específica da UERJ, sobretudo a prova de Geografia, que eu morria de medo!

Sobre escolher a UERJ, também foi uma escolha obra do acaso e circunstancial. Como falei antes, o resultado excelente que tive na primeira fase me ajudou a privilegiar a UERJ em relação a outras faculdades. Mas acima de tudo o que pesou na escolha da UERJ para mim foi a localização geográfica do Campus Maracanã, onde fica meu curso. Como morava em Madureira, o deslocamento diário para os *campi* das outras universidades públicas do Rio que tinham RI ia ficar muito complicado e custoso, e eu sabia que meus pais não iam poder me ajudar muito com os custos de manutenção na faculdade. Para a UERJ eu podia ir de ônibus ou trem e ter o valor da passagem coberto pelo passe universitário da Prefeitura. Foi uma conjunção de fatores que me trouxe à UERJ e não me arrependo da minha escolha!

**2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Relações Internacionais? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?**

Eu tinha 18 anos quando entrei na UERJ, em 2015. Antes da faculdade, tinha feito uma iniciação científica júnior durante o Ensino Médio. Nessa PIBIC Jr eu atuava no CPDOC da FGV Rio junto a um professor de ciência política.

Já durante a graduação, trabalhava aos finais de semana como garçom num restaurante de fast-food e fiz estágios também. Dentro da UERJ, atuei como estagiária no Departamento de Cooperação Internacional da Reitoria da UERJ e também numa revista acadêmica do Departamento de Relações Internacionais.

Mais pro fim da graduação, consegui um estágio no Consulado Britânico no Rio de Janeiro, atuando na área Comercial do setor de Defesa e Segurança do Department for International Trade, atual DBT. Fiquei nesse estágio por dois anos, até o fim da minha graduação.

**3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?**

Sou a primeira pessoa da minha família a estudar em uma universidade pública e penso que isso é fruto de um lar que desde sempre incentivou e valorizou os estudos. Tenho muitas memórias de ir ao teatro infantil no SESC de Madureira com minha mãe, de ir ao museu, ao cinema.. Acho que tudo isso acabou influenciando minha afinidade com as Humanidades.

Minha mãe é formada em Serviço Social, mas desde quando nasci ela já não exercia mais a profissão. Meu pai sempre foi comerciante, trabalhando no ramo da floricultura. Meu avô paterno trabalhou na companhia ferroviária estatal no Rio e depois foi motorista de ônibus. Meus avós paternos sempre foram agricultores em Portugal e meu avô paterno também trabalhou nas minas que existiram na cidadezinha onde meu pai nasceu, Ervedosa.

Tive muita sorte de ter pais que não tentaram em nenhum momento influenciar na minha escolha para a faculdade, fui muito livre desde o começo para escolher o curso que eu quisesse.

**4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por quê?**

É bem verdade que o curso de Relações Internacionais nas universidades públicas é bem teórico, bem acadêmico, mas ainda assim tem muitos ensinamentos que me impactam no meu cotidiano. Uma das coisas que mais me marcou foi a capacidade de ver o Sistema Internacional como uma estrutura que não é dada, mas sim que é a construção de todo um processo histórico, que nem sempre foi assim e nada garante que continuará. Pode parecer simples lendo assim, mas te permite reavaliar diversos sentidos comuns sobre o mundo e a Política Internacional que vemos por aí.

Destaco também todo o contato que tive com teorias pós-estruturalistas e pós-colonialistas, todo o ferramental teórico que as aulas da graduação me deram para questionar e revisitar lugares comuns da ordem dada pelo Norte Global. Hoje morando na França e estudando aqui, percebo o quão à frente estamos nesses debates na academia brasileira em relação a outros países. Percebo também, observando meus pares estudantes estrangeiros e vivendo a experiência migratória na pele, o quanto essas dinâmicas impactam no dia a dia e se traduzem em pequenas coisas, como procedimentos administrativos, de segurança, de acesso a direitos, etc.

**5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação? Que caminho escolheu e por que escolheu? Qual a relação com a graduação?**

Terminei a graduação bem em plena pandemia então não era mesmo o melhor dos cenários para procurar emprego e começar uma carreira. Cheguei a atuar por um tempo na área mas depois acabei migrando para o mundo das startups. Procurei sempre trabalhar em algo ligado ao campo social e ao setor público, então trabalhei em empresas do setor da educação e que ofereciam serviços ao setor público, lidando diretamente com agentes da administração pública. Mas desde o meio da graduação tinha o desejo de vir fazer meu mestrado na França, acabei adiando por conta da pandemia mas quando as coisas melhoraram decidi colocar esse projeto em prática.

**6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo? Por quê?**

Não foi um episódio específico, mas sim uma oportunidade. Graças a uma cooperação entre a UERJ e a Sciences Po Rennes, fui contemplada em 2017 com uma bolsa de estudos para fazer um ano de graduação na Sciences Po, na França. Eu dificilmente teria conseguido essa bolsa completa se estivesse estudando em outra instituição e outro curso, por exemplo. E essa experiência me mudou por completo, acho, enquanto pessoa e enquanto aluna. Me abriu um mundo de possibilidades, me fez conhecer o mundo e pessoas do mundo todo também.

Desde então eu sempre mantive a ideia de voltar à França para cursar meu mestrado e foi o que eu fiz.

**7) E daqui para a frente? Quais seus principais projetos profissionais?**

Acabei de validar meu primeiro ano de mestrado em Políticas Econômicas do Desenvolvimento na Paris I, a famosa Sorbonne. Nesse verão estou fazendo estágio no braço francês da Fundação Gol de Letra, uma ONG brasileira que atua com educação integral e cidadã pelo esporte no Rio de Janeiro e em São Paulo. Começo meu segundo ano do mestrado em setembro e pretendo atuar no meio associativo ou em organismos internacionais aqui na Europa quando terminar meu curso. Mas ainda assim, "o futuro a Deus pertence". A certeza é que não importa aonde eu for, sempre levarei a UERJ com muito carinho comigo!

Entrevista concedida em 02 de junho de 2023.